



**História verídica
de um Símbolo**

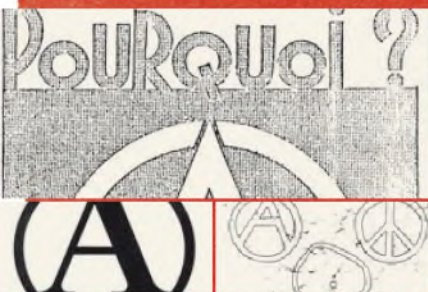


SUMÁRIO



As formas do

p. 4



A verídica história do
AMEDEO BERTOLO
MARIANNE ENCKELL

p. 6



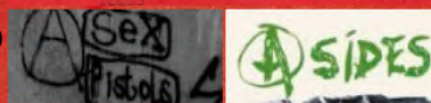
Milão 1966, Milão 2008
ENTREVISTA COM AMEDEO
BERTOLO

p. 8



Paris 1964, Barcelona 2008
ENTREVISTA COM TOMÁS
IBÁÑEZ

p. 10



As formas do (A)

Esta história sem precedentes, combinando imagens e relatos de experiências, nos leva a uma viagem através da nossa memória e do imaginário contemporâneo, desde o primeiro (A) esboçado com um copo virado para cima nos guardanapos de papel de algum bar. Ela explora a viagem de um sinal que, apesar de sua conotação forte e específica, se estabeleceu internacionalmente ao longo de quatro décadas, eventualmente simbolizando não apenas o anarquismo no sentido estrito, mas também a transgressão em todas as formas.

Concebido em meados dos anos sessenta em porões repletos de ideias e aspirações extra e anti-institucionais, o (A) apareceu pela primeira vez em panfletos mimeografados com uma matriz gravada e uma mão um pouco incerta. Depois de 1968, começou a espalhar-se nas paredes pelo mundo, onde começou a falar as múltiplas línguas da anarquia.

Assim começou uma vida pública que às vezes o levava para longe das suas origens, sem que ele perdesse toda a conexão com elas. A cultura punk, em particular, empurrará para trás os limites alcançados pela força propulsora do anarquismo. É justamente este salto do ativismo libertário para a imaginação contracultural que dará origem às interpretações mais ousadas, aos usos mais estranhos e aos abusos do sinal, até sua recente exploração comercial.

Será que esta transformação de um símbolo forte em uma marca aparentemente para todos os propósitos equivale a uma "desvalorização"? Não, dizem os seus supostos pais, que estão convencidos de que a liberdade de uso é inevitavelmente acompanhada de abusos, e que o (A) - um sinal que é, afinal de contas, totalmente profano - ainda retém uma poderosa carga comunicativa de revolta.

Com as lendas mais improváveis que agora circulam sobre ela, especialmente na Internet, aqui está a verdadeira história do (A) e seus imprevistos (e ainda imprevisíveis) desenvolvimentos. Estes testemunham a multiplicidade de abordagens possíveis, algumas das quais até contraditórias, bem como o potencial criativo ilimitado de um sinal refinado, mas eloquente. É precisamente esta diversidade irreprimível - as múltiplas formas do (A) - que tentamos restaurar através de textos e imagens, realizando uma busca abrangente através do espaço e do tempo, mas também de acordo com critérios como tipologias antropológicas, tendências éticas e estéticas, expressões artísticas e paixão libertária.

Esta pesquisa, ao mesmo tempo incomum e divertida, reuniu uma série de indivíduos que não se conheciam e cada um participou do projeto à sua maneira, por exemplo, criando uma nova tipografia para dar ao sinal uma vida tipográfica, recuperando os objetos mais excêntricos em forma de (A), ou indo para re-tirar, com -12 graus, uma fotografia que tinha se revelado borrada uma vez impressa... Este trabalho verdadeiramente coletivo não teria sido possível sem a extraordinária (e extraordinariamente livre) colaboração de todos aqueles - escritores, pesquisadores, fotógrafos profissionais e amadores, ativistas, arquivos e centros de documentação - que eram tão apaixonados por esta aventura quanto nós. Agradecemos a eles por isso e estamos ansiosos para compartilhar esta experiência com eles.



Hannover



Friburgo



Parco nacional de Gifford Pinchot, Estado de Washington, sangue de viado na neve



São Francisco




Toronto Charlotte, Carolina do Norte, 35°06'21.78"N 80°51'34.24"O


A História verídica do

AMEDEO BERTOLO — CENTRO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS / ARQUIVO G. PINELLI DE MILÃO


MARIANNE ENCKELL — CENTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS SOBRE O ANARQUISMO DE LAUSANA

O  é tão conhecido e reconhecido que passou a ser tomado como um símbolo tradicional do anarquismo, como se estivesse aqui "desde sempre".

Alguns pensavam que tinha nascido durante a Revolução Espanhola, porque um jovem anarquista entusiasta, mas desatento confundiu o alvo pintado no capacete de um miliciano próximo a Buenaventura Durruti com um . Outros pensaram até mesmo que ele datava de Pierre-Joseph Proudhon e da sua ideia de Anarquia na Ordem.

O  é, na verdade, uma criação relativamente recente da iconografia libertária, pois foi inventado em Paris em 1964 e reproposto em Milão em 1966. Duas datas e dois lugares de nascimento? Vamos dar uma olhada mais de perto. Foi em abril de 1964 que o *Bulletin des Jeunes Libertaires* publicou um projeto para um logotipo gráfico proposto pela célula parisiense "a todo o movimento anarquista", independentemente das divergências entre grupos, organizações e tendências. O texto de apresentação explica: "Duas motivações principais nos guiaram: primeiro, facilitar e tornar mais eficientes as atividades práticas de inscrições e de exibição de cartazes, e segundo, assegurar uma presença mais ampla do movimento anarquista aos olhos do povo, por um caráter comum a todas as expressões do anarquismo em suas manifestações públicas. Mais precisamente, se tratava de encontrar uma maneira prática de reduzir ao mínimo o tempo necessário para a inscrição, evitando a necessidade de colocar uma longa assinatura sob os nossos slogans, e de escolher uma sigla que fosse suficientemente geral para ser adotada e utilizada por todos os anarquistas. O acrônimo adotado nos pareceu atender melhor a estes critérios. Ao associá-la constantemente à palavra anarquista, ela acabará, por um automatismo mental bem conhecido, evocando a ideia de anarquismo na mente das pessoas".

O signo em questão é um A maiúsculo cercado por um círculo (fig. 1), projetado por Tomás Ibañez e produzido graficamente por René Darras. De onde vem esta ideia?

Do símbolo antinuclear da CND, que já era relativamente bem conhecido? Outras fontes de inspiração? A proposta das JLs parisienses não se concretizou imediatamente, apesar do aparecimento de alguns graffitis no metrô da capital francesa. Entretanto, em dezembro de 1964, o  apareceu no título de um artigo de Tomás Ibañez para o jornal *Action Libertaire* (fig. 2). A rede JL, que no início dos anos 60 podia contar com o apoio de vários grupos em toda a França, posteriormente enfraqueceu: os boletins regionais deixaram de aparecer, e o boletim de Paris hibernou entre 1965 e 1967. Entretanto, muitos JLs se encontraram na linha de frente durante os eventos de maio de 1968. Aqui é o fim do primeiro capítulo desta história.

Só em 1966 o símbolo foi retomado, primeiro a título experimental e depois regularmente, pela Gioventù Libertaria de Milão, que mantinha estreitas relações com os JLs parisienses e usava o (A) como assinatura em seus panfletos e cartazes, em associação com o símbolo antinuclear e a "maçã" dos Provos holandeses (figs. 3 e 4). Foi assim de Milão, a capital lombarda, que a verdadeira vida pública do (A) se desenvolveu, e que esse tornou-se cada vez mais conhecida, primeiro na Itália - onde era tão conhecida e evocativa no início de 1971 que justificou a escolha do título do novo periódico anarquista, (A) (fig. 5) - e depois no resto do mundo. Suas primeiras aparições notáveis fora da Itália datam de 1972-73 (ele ainda estava praticamente ausente em Paris, em maio de 68). A partir de então, se pôde assistir à explosão da moda do (A), que se apropriaram jovens de todos os lugares. Quais são as razões para este sucesso rápido e surpreendente? Provavelmente as mesmas que levaram os libertários parisienses e milaneses a propor e repropor o símbolo: por um lado, é fácil de desenhar, simples como a cruz, a estrela, a suástica ou a foice e o martelo; por outro lado, este movimento jovem e crescente, que aprendeu a escrever nas paredes para se comunicar, está procurando um sinal de reconhecimento. Assim - na ausência de outros símbolos gráficos internacionais e na presença de um simbolismo ultrapassado como a tocha, que tinha surgido na Itália no século XIX - o (A) se afirmou *ipso facto*, sem que nenhum grupo ou organização tenha decretado explicitamente seu uso. Esta, portanto, é a verdadeira história do (A), uma mistura tipicamente libertária de vontade consciente e espontaneidade. Todo resto é lenda.

Milão 1966, Milão 2008

ENTREVISTA COM AMEDEO BERTOLO

Amedeo Bertolo, economista por formação e especialista em questões agrícolas, sempre esteve envolvido em publicações libertárias. Em 1966, aos 25 anos de idade, ele desenhou o primeiro "italiano" (A) sobre stencils. Ele é um dos fundadores do mensal (A) - revista anárquica (1971) e um dos responsáveis pela publicação da Elèuthera desde 1986.

Você é um dos pais do (A)...

Apenas um pai adotivo. O (A) foi concebido e "lançado" em Paris, em 1964, mas a operação foi um fracasso. Em Milão, dois anos depois, a ideia foi reproposta, desta vez com sucesso.

Quando você começou a fazer (A), você esperava este sucesso mundial?

Não. Nenhum dos membros da Gioventù Libertaria, da qual eu fazia parte, esperava alguma coisa. Ou melhor: um de nós tinha reservas em adotar o símbolo, argumentando que era muito simples e, portanto, "falsificável" e que qualquer um poderia usá-lo para assinar qualquer coisa. Em outras palavras, ele tinha medo de que ele se tornasse muito bem sucedido, devido a usos desviantes, ou pelo menos indesejáveis, resultando em sua ampla identificação como uma "assinatura" anarquista.

Você consegue reconstruir como o (A) circulou na Alemanha, durante os anos setenta, tornando-se o símbolo dos Autônomos alemães? A versão "original" foi alterada ou preservada?

Não sei como esta transição aconteceu. O (A) já tinha começado a viajar livremente ao redor do mundo. Mas imagino que os Autônomos alemães o adotaram para se distinguir dos Autônomos italianos de formação marxista e que assinavam com a foice e o martelo. E imagino que se o (A) "deles" derrama fora do círculo (como o dos punks), é para dar-lhe uma sensação adicional de "quebrar" a ordem e heterodoxia, entre outras coisas em relação à tradição anarquista. Mas talvez esta tenha sido apenas uma escolha estética casual, que depois se proliferou por imitação. Hoje, os anarquistas usam este (A) e o (A) "canônico" de forma intercambiável.

Entre todas as variações do (A) que você encontrou, qual é a mais original, ou a que mais lhe agradou?

Posso lhe dizer que a que mais me agradou por sua elegância formal é o logotipo da revista anarquista (A), projetada por meu irmão Gianni em 1972. Sua letra A, em negativo sobre um fundo circular preto, foi uma reelaboração do logotipo anterior, também muito bonito, na minha opinião.

Você parece bastante apegado ao uso "filologicamente correto" do símbolo: os seus (A)'s favoritos permanecem circunscritos dentro do círculo, não transbordam e são desprovidos de enfeites... o que você acha das outras interpretações e usos, próprios e impróprios, do punk para o mundo da moda?

Preciosa flexibilidade do sinal. E eu acho que usos impróprios, abusivos, alterados e comerciais de um sinal que se tornou parte da imaginação coletiva são inevitáveis.

Ele até se tornou tão bem integrado na imaginação coletiva nos últimos quarenta anos - por incrível que pareça - que de fato se cortou de suas raízes históricas, em favor de uma espécie de mitologia cujas lendas (por exemplo, o (A) atribuído a Proudhon, ou aquele que teria sido visto no capacete de um miliciano espanhol...) são, entre outras, transmitidas pela Wikipédia.

Em um romance recente (*Death at Victoria Dock*, de Kerry Green), ambientado em Melbourne em 1928, um grupo de emigrantes letões usa o (A) como marca distintiva, tatuado nas clavículas dos homens e nos seios das mulheres. Estou na espera de que, mais cedo ou mais tarde, alguém se refira a ele na Internet para "demonstrar" a antiguidade do sinal... O fato, talvez inevitável, de que as lendas nascem em torno de um símbolo indica o seu sucesso. E talvez uma origem mítica seja mais atraente do que uma origem banal.

A propósito, uma pequena provocação: o (A) não circulou pelo mundo muito rapidamente, passando de um símbolo unificador dos movimentos anarquistas para um símbolo genérico do "caos"? Isto o incomoda, ou você acha que, afinal de contas, está bem assim?

Parece-me que a noção de "caos" - no sentido da teoria do caos, por que não? - ou melhor, a de revolta contra tudo e todos, mesmo em sua versão banalizada e consumista, pode coabitar com a conotação mais propriamente anarquista. Efeitos inesperados do movimento caótico.

Tive a oportunidade de conhecer jovens de Pieve Vergonte, uma aldeia do Val d'Ossola, que me falaram do (A) como um símbolo anarquista no início, mas que eles tinham vindo a conhecer através do punk inglês... Devemos nos curvar a uma cultura anglo-americana que parece fagocitar tudo (ou mesmo colocar sob "direitos autorais" novas invenções para garantir a sua correção filológica), ou é um objetivo sensato apostar na tradução cultural e na reinterpretção criativa, na possibilidade de falar de anarquia em tantas línguas e de tantas maneiras?

Eu opto por esta última solução.

Depois de quarenta anos, o (A) envelheceu, como a tocha anarquista, ou ainda pode funcionar?

Ainda me parece muito eficaz, tanto como símbolo de revolta antiautoritária quanto como "assinatura" dos múltiplos anarquismos contemporâneos. O verdadeiro problema são as formas e conteúdos das revoltas e anarquismos, mas essa é outra questão.

Pourquoi ?



...mais, parce que les J.L. SUITE PAG. 1.

Perspectives **A**narchistes

« Un but situé à l'infini, n'est pas du tout un but mais une déception ». — Herzen.

Il y a quelques années à peine, certains ont pu écrire que l'anarchisme, considéré comme élément susceptible d'influencer la vie sociale, était mort, relégué au musée de l'histoire. Cela n'était pas totalement faux. Si le « mouvement » anarchiste n'était certes pas encore enterré, du moins semblait-il agoniser lentement. Que le livre de Jean Maitron (1) « *Révolution et les anarchistes* » soit paru à cette

préparation d'une révolution totale, à la fois politique, économique et individuelle en prétendant que tous ces aspects étaient indissolublement liés. Le marxisme a pris le chemin le plus court; à court terme, il a supplanté l'anarchie en entreprenant une révolution partielle, mais aujourd'hui, il se trouve face à une échéance qui le nie et qui par contre-coup valorise la position anarchiste selon laquelle une révolution doit être totale ou bien aboutir « en dernière analyse » à un échec, à une régression. En effet, si le marxisme appliqué, à rationalisé relativement la production, il n'a

analysés précédemment ? En tout cas, ne l'avons dit, un renouveau anarchiste se manifeste actuellement. En Angleterre, l'audier du mouvement anarchiste a décuplé en quelques années et ne cesse de croître. Les méthodes d'action directe, de gestion directe, d'organisation de comités antiracistes, de comités locaux, de comités de toutes sortes organisés à la base et qui tentent de faire prendre défense de leurs intérêts par les intéressés et mêmes, tout cela développe dans la population des habitudes d'organisation et d'action libérales, qui influencent même des mouve-

SI RIPETONO GLI ERRORI DEL PASSATO

Dopo il colpo di stato in Grecia abbiamo ancora una prova che il fascismo non è un fenomeno sopravvissuto in Spagna o in Portogallo: a soli 100 km. dall'Italia il fenomeno è in pieno atto, e in molti altri Paesi esso controlla dietro fragili quinte di democrazie formali la burocrazia statale ed il potere economico.

Noi, militanti di un movimento che alla lotta antifascista diede il meglio di se stesso, DENUNCIAMO ALL'OPINIONE PUBBLICA IL COLPO DI MANO PERPETRATO IN GRECIA ad opera dei militari e sostenuto dalla classe dirigente, dagli interessi economici e di potere.

La storia non solo europea da almeno quarant'anni dovrebbe farci riflettere sui vuoti paurosi lasciati aperti dagli attuali sistemi politici sempre più inchiodati alla loro vuota demagogia, sempre più impotenti ad arginare le ricorrenti crisi che troppo bene si offrono a "soluzioni" autoritarie e violente e troppo bene servono chi dalla violenza e dall'autorità trae il proprio profitto.

Una lotta efficace contro tutto ciò che chiamiamo "fascismo internazionale" vuole dire lotta all'interno di ogni Paese contro il sistema che ci opprime: basta con i partiti demagogici e venduti, basta con il potere dell'uomo sull'uomo, fecondo di appetiti e sterile di vero progresso/ Si realizzi responsabilmente i principi di UGUAGLIANZA E LIBERTÀ nella creazione di LIBERE COMUNI, strumenti di EMANCIPAZIONE!

Gioventù Libertaria di Milano



Gioventù Libertaria di Milano



RIVISTA ANARCHICA

FEBBRAIO 1971

LIRE DUECENTO

1. Boletim dos *Jeunes Libertaires*, Paris, 1964
2. *Action Libertaire*, Paris, 1964
3. Panfleto da Gioventù Libertaria, Milão, 1967
4. Panfleto da Gioventù Libertaria, Milão, 1966
5. **A** - rivista anarchica, n° 1, fevereiro de 1971

Página ao lado novo desenho do **A** por Gianni Bertolo



Paris 1964, Barcelona 2008

ENTREVISTA COM TOMÁS IBAÑEZ

Em 1964, quando seu grupo parisiense de jovens anarquistas propôs o símbolo do (A), Tomás Ibañez tinha 20 anos de idade. Este filho de catalães exilados da Guerra Civil espanhola participou em maio de 68 em Paris e se envolveu na luta anti-Franco. Em meados dos anos 70, ele retornou a Barcelona onde leciona psicologia social na universidade.

Quando você propôs o (A) em 1964, você esperava que ele tivesse esse sucesso mundial?

A criação do (A) está intimamente ligada à intensa atividade que então animava os círculos parisienses e ao desejo de estimular a cooperação e o encontro entre as diversas tendências anarquistas, tanto entre os jovens (com a criação do Comitê de Ligação dos Jovens Anarquistas [CLJA] no final de 1963) quanto entre os estudantes (com a criação, também no final de 1963, do Comitê de Ligação dos Estudantes Anarquistas [LEA]). Foi neste contexto que propus ao grupo *Jeunes Libertaires* de Paris não algo tão concreto como o (A), mas simplesmente a ideia de criar um símbolo que não estivesse associado a nenhuma das organizações anarquistas existentes e que cada uma delas pudesse usar indiferentemente, como uma espécie de assinatura comum, se quisessem. De todas as propostas que surgiram durante a discussão, a mais fascinante e promissora parecia ser a do (A); embora, é claro, ninguém na época pudesse imaginar o sucesso que encontraria mais tarde.

Nosso grupo era bastante pequeno, e o boletim mimeografado no qual tínhamos apresentado o símbolo foi produzido e distribuído em pouquíssimos exemplares. Nossas esperanças mais otimistas limitavam-se ao nosso ambiente imediato: no máximo, esperávamos que alguns jovens anarquistas da região de Paris e alguns grupos de jovens libertários de outras cidades aceitassem nossa proposta. Estas expectativas, embora modestas, pareciam excessivas no início; foi apenas muitos anos depois que o (A) experimentou sua espetacular expansão, baseada, por um lado, em sua aquisição pelos jovens milaneses libertários e, por outro lado, na intensa ascensão do imaginário libertário em nível internacional a partir de Maio de 68.

Qual dos (A)'s que você encontrou que mais o impressionou?

Devo admitir que fiquei muito emocionado em Barcelona, em 2 de julho de 1977, na impressionante reunião da CNT (Confederación Nacional del Trabajo) em Montjuic; e minha emoção só aumentou quando vi algumas bandeiras pretas adornadas com o (A) voando no meio da multidão. Mas estas variações eram incontestavelmente convencionais.

Uma das representações do (A) que mais me impressionou, talvez porque eu não esperava lá, foi a que vi na aldeia catalã onde vivi por alguns anos e onde, segundo meu conhecimento, não existiam grupos anarquistas. Uma manhã fiquei surpreso ao ver uma grande margarida pintada numa parede com um "A" ao redor das pétalas, e por baixo desta poética (A) simplesmente se lia: "Plante esta flor e você viverá melhor".

O (A) era difundido na Espanha de Franco?

Tanto quanto me lembro, não foi até o último período do domínio de Franco, quando a década de setenta já estava bem encaminhada, que algumas inscrições nas paredes ou, mais discretamente, alguns (A) desenhados atrás das portas começaram a florescer. O símbolo começou a se manifestar com alguma força durante a Transição, entre o final do período franquista e o estabelecimento do sistema parlamentar.

Você dizia que seu objetivo era propor um sinal que fosse fácil de reproduzir, susceptível de ser adotado pelas diversas correntes anarquistas, até ser percebido "naturalmente" como o símbolo da anarquia. Em certo sentido, vocês se comportaram como publicitários e acertaram na cabeça: o sucesso do A num círculo é tangível, talvez até em demasia... Como você vê o uso, bom ou ruim, do (A) em escala global, por exemplo, no mundo da moda, que o recupera para vender mochilas e instrumentos de todos os tipos?

Se você colocar um martelo nas mãos de uma criança, qualquer objeto se torna de fato 'martelável', é bem conhecido; da mesma forma, em um sistema onde prevalece a lógica comercial, qualquer objeto se torna de fato 'comercializável': emoções, efeitos, relações pessoais, a cara de Che Guevara, tudo pode ser instrumentalizado para ganho econômico. É claro que esta lista também inclui símbolos, inclusive os mais subversivos. O uso comercial do (A) não deve nos surpreender. Naturalmente, em certas circunstâncias, é difícil suprimir a surpresa ou mesmo a indignação. Por outro lado, poderíamos nos consolar dizendo que se o (A) é usado hoje como um slogan publicitária, significa que tem conotações positivas na imaginação popular (juventude, anticonformismo, rebelião, liberdade, transgressão... ou provavelmente um pouco de gosto de cada uma dessas noções...).

Mas, neste ponto, o (A) não se tornou um símbolo para todos os fins, um mero sinônimo de caos?

De fato, para muitas pessoas a associação entre "anarquismo" e "caos" é tão estreita que até mesmo os utilizam como sinônimos. A anarquia pode trazer muitas coisas à mente, mas ela automaticamente evoca o caos. E ainda assim, parece-me que o (A) - mais do que genericamente denotando caos - ainda se refere de forma realmente direta ao anarquismo.



Mesmo que seja à versão mais "genérica", menos "controlada" e delimitada do movimento anarquista, pois qualquer pessoa com simpatia libertária pode usar o **A** para se expressar ou se identificar com ele. Isto às vezes cria uma companhia perturbadora e até mesmo incômoda. E é por isso que se buscam símbolos mais exclusivos, mais específicos - por exemplo a clássica estrela de cinco pontas, no máximo colorida com vermelho e preto -, com a ideia de se distanciar de um uso excessivamente "anarquista" do simbolismo libertário, considerado menos "sério". É bastante claro que a vontade de usar símbolos menos inclusivos que o **A** reintroduz uma certa distinção entre as tendências anarquistas; isto vai contra a vontade de abertura e os objetivos federativos (e resistentes ao controle) transmitidos pelo **A**.

Em seu livro *Porque **A*** (Por que **A**), você observa que apesar da advertência de Foucault, continuamos a acreditar que "o mundo" como o percebemos, com seus símbolos, usos e valores sempre existiu, como se fosse "natural". Em resumo, não conseguimos mais nos comportar como relativistas, reconhecer que tudo é um "fato", no sentido de um "objeto construído" (por nossas crenças, nossas percepções...). Assim, o **A** tornou-se agora 'naturalmente' o símbolo da anarquia (ou do punk, em algumas versões). Você não acha que ele já representa, após apenas quarenta anos, uma instituição imaginária cujas origens como 'arte-fato' (como diria Castoriadis) foram esquecidas, a ponto de querer criar uma história mitológica?

Concordo plenamente. O que é curioso sobre esta intenção de criar uma mitologia *ad hoc* é a maneira pela qual se vai em busca de "origens" nobres e importantes (a revolução espanhola, Proudhon, etc.); contudo, é bastante incômodo que uma investigação genealógica de algo considerado importante nos leve a descobrir causas minúsculas, eventos minúsculos, processos anônimos ou fatores aleatórios.

Você acha que é hora de inventar um novo símbolo, ou este ainda funciona?

Eu seria o último a dizer que este não é o momento de inventar algo novo, porque isso certamente é sempre positivo, como sacudir a ordem estabelecida; mas serão as práticas reais do movimento anarquista que dirão se o **A** continua a ser útil ou se atingiu sua data de expiração. E aliás, útil para quê? Creio que na realidade não serviu para realmente unificar o movimento anarquista. Apenas criou a aparência de uma unificação maior do que a que existe de fato, e apenas representou um instrumento midiático, sem pretensões teóricas ou organizacionais, que funcionou e, em minha opinião, continua funcionando maravilhosamente, para expressar e manifestar uma ligação direta com o imaginário libertário, com suas características mais genéricas e com seus elementos historiográficos mais emblemáticos. Desenhar um **A** é dizer e sentir muitas coisas num único gesto.





Paris, 1976



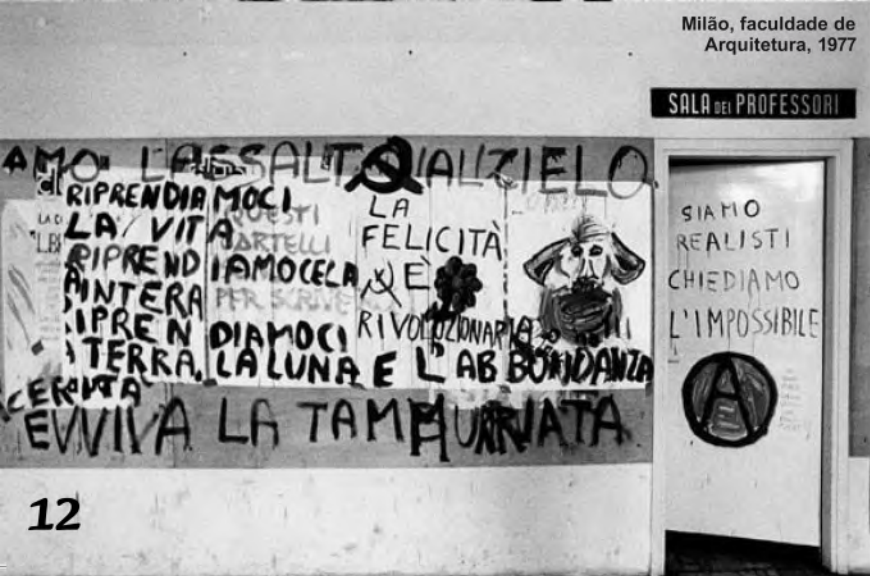
Nice, 1970



Portugal, meados dos anos 70



Montjuïc, Espanha, julho de 1977



SALA DEI PROFESSORI





San Sebastián de los Reyes, Madrid, 27 de marzo de 1977



Veneza, 1984



Veneza Lido, 1984



Funeral de Giuseppe Pinelli, Milão, 1969



1.

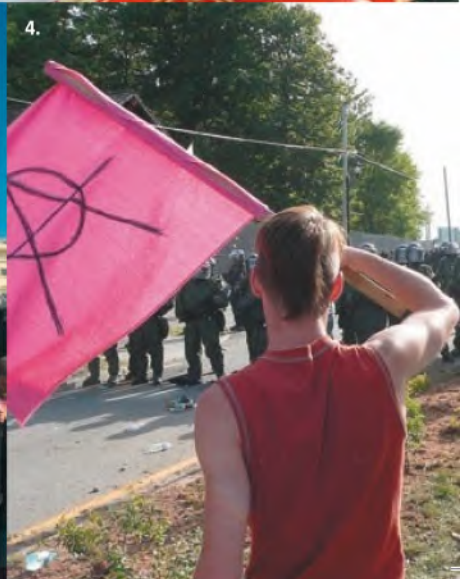
2.



3.



4.



1. Milão, Parada do 1º de Maio de 2007

2. Copenhagen, protesto contra a visita de George W. Bush em 2005

3. Washington DC, cortejo contra a intervenção militar no Iraque, 2007

4. Terrebonne, Canada, Pink blocker





CCLA



CENTRO DE CULTURA LIBERTÁRIA DA AMAZÔNIA
Rua General Gurjão 301 - Campina - BELÉM (PA)

Edição do original em italiano realizada por *companheir@s* do
CCLA (Belém - 2023).

Para saber mais sobre o Anarquismo, visite nosso site ou venha
nos conhecer durante as atividades do CCLA.

Centro de
Cultura Libertária da
AMAZÔNIA

<https://cclamazonia.noblogs.org>

The logo consists of two overlapping circles. The left one is red with a black 'A' inside. The right one is black with a red 'A' inside. A dreamcatcher with red and black feathers hangs from the top of the circles.